

## **“NÃO DIFEREM O HISTORIADOR E O POETA...” O TEXTO HISTÓRICO COMO INSTRUMENTO E OBJETO DE TRABALHO**

Angélica Chiappetta\*

**RESUMO:** Hoje em dia a História está muito interessada em discutir as relações entre a apresentação de fatos verdadeiros e a construção de narrativas. Na Antigüidade Greco-Romana, a História era um gênero de discurso; assim, suas questões de inventio, dispositio e elocutio eram tratadas no âmbito da Retórica. Este artigo tenta discutir como os historiadores greco-romanos buscavam retoricamente a aproximação da verdade. Cícero (*Ad Familiares*, V,12) está aqui propondo como gerir essa busca. Salústio (*De Coniuratione Catilinae*, 53-54) está executando essa proposição.

**Palavras-Chave:** História, retórica, narrativa, *fides*, Cícero, Salústio.

A escrita da história está sujeita a um protocolo de verdade e se especializa no particular. Desses dois limites vem grande parte de seus problemas metodológicos. Ela deve gravar eventos disparatados, efeitos ao acaso, apresentando-os por meio de um texto. Ao interpretar estes efeitos e reuni-los de maneira a fazer surgir um conjunto de causas possíveis, o historiador *constrói*, e não *grava*. Sua construção, no entanto, nunca é certa, final ou verdadeira, devendo ser constantemente revisada de acordo com novos dados e novos efeitos. O critério definitivo da narrativa do historiador são, aparentemente, os eventos e não a construção. No entanto, a narrativa tem uma maneira própria de se organizar, e esta é comum à história e à ficção. Como construção acabada, a narrativa sempre aponta para uma certa *demonstração* cujo princípio formal é a consistência, trabalhada a partir da articulação das relações de causa e efeito<sup>1</sup>. Na narrativa, no entanto, esta

---

\* Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH/USP.

1 Veja-se, por exemplo, a discussão de Aristóteles sobre a construção do *mythos* na *Poética*, e.g. 1451a,29 e 1454a,28.

relação é de um tipo particular em que a causa é sempre localizada *depois*, para *explicar*, não para *prever*<sup>2</sup>. Para uma cientificidade positivista esta relação não tem nenhum significado relevante.

Percorrendo os usos da palavra grega *historia* em Aristóteles, vê-se que o historiador, antes de ser um narrador de acontecimentos verídicos, é, necessariamente, um pesquisador que procura informar-se. O sentido de investigação precedeu o de *narração*<sup>3</sup>. A história seria o conhecimento de fatos particulares a partir do qual se elabora uma ciência, quando tais fatos são do tipo que se presta ao conhecimento científico, ou seja, quando dizem respeito a coisas que não poderiam ser de outro modo<sup>4</sup>. Mesmo nestes casos, a história não se confunde com a ciência, pois a última trata do geral, enquanto a primeira se contenta em revelar os fatos particulares com toda exatidão possível. Aristotelicamente, uma **História dos Animais** poderia levar a um conhecimento científico, não uma **História da Guerra do Peloponeso**.

Hoje, a História está constituída como uma disciplina e, no dizer de Carlo Guinzburg, uma disciplina indicial<sup>5</sup>. Estas são disciplinas que têm por objeto casos, situações e documentos individuais e, por isso, alcançam resultados com certa margem de casualidade. Nelas, o trabalho é aparentado com o do detetive que se apóia nos indícios que consegue obter para recompor sua intriga. Atualmente, a História parece estar bastante ocupada em discutir as questões de limite que estas afirmações implicam: primeiro, como se constrói a relação de causa e efeito a partir dos indícios (que é uma questão sempre bastante discutida quanto à narrativa ficcional); segundo, como os indícios (o conhecido) estão relacionados com o desconhecido, com o que se quer conhecer, ou seja, com o acontecimento histórico.

Há, portanto, uma transição entre as estruturas do conhecimento histórico e o trabalho de configuração da narrativa. Roger Chartier propõe que a disciplina estará salva tanto do "relativismo absoluto de uma história identificada com a ficção" quanto das "certezas ilusórias de uma história definida como ciência positiva"<sup>6</sup> se a reconstrução produzida pela narrativa garantir o protocolo de verdade. A validação do discurso histórico dependeria de se considerarem *cientificamente* as relações entre os vestígios docu-

---

2 Cf. GENETTE (1972) e COSTA LIMA (1979).

3 Cf. LOUIS (1955).

4 Cf. ARISTÓTELES. *Retórica*, 1356b,30-35 e *Ética a Nicômaco*, 1094b,11-25.

5 GUINZBURG (1990).

6 CHARTIER (1990), p.88.

mentais e os fenômenos indiciados pela narrativa. Estas relações serão aceitáveis se plausíveis, coerentes e explicativas. O que implica dois tipos de controle possíveis a qualquer enunciado histórico: sua *objetividade*, que impede que sua negação possa ser igualmente verdadeira, e sua *possibilidade*, que verifica a compatibilidade com os enunciados produzidos em paralelo ou previamente. A narrativa histórica deve, portanto, ser convalidada pela disciplina histórica.

Certamente, o termo grego *historia* não chegou a indicar na Antigüidade o que hoje entendemos por uma disciplina. O sentido aristotélico do termo foi-se impregnando cada vez mais do de exposição das pesquisas, a ponto de não mais se distinguir nele claramente a *investigação* da *narração*. A história tornou-se um gênero do discurso e é com este sentido que ela é contraposta a ficção na *Poética*<sup>7</sup>. A partir dos alexandrinos o gênero é explicitamente regulado por determinadas regras retóricas, formalizado por alguns modelos e, de certa forma, relacionado com os gêneros epidícticos seus consemelhantes e, até, com os discursos judiciários e deliberativos.

Entre os problemas da invenção retórica, a historiografia antiga apresenta dois que lhe dão um sabor muito nosso contemporâneo<sup>8</sup>: o estabelecimento de um nexos causal entre o passado e o presente, e a discussão sobre a verdade e o verossímil, ou melhor sobre o aparato utilizado na aproximação da verdade. Estes dois problemas são discutidos por Tucídides, por exemplo, nos capítulos em que trata de sua metodologia:

“Quanto aos discursos pronunciados por diversas personalidades quando estavam prestes a desencadear a guerra ou quando já estavam engajados nela, foi difícil recordar com precisão rigorosa os que eu mesmo ouvi ou os que me foram transmitidos por várias fontes. Tais discursos, portanto, são reproduzidos com as palavras que, no meu entendimento, os diferentes oradores deveriam ter usado, considerando os respectivos assuntos e os sentimentos mais pertinentes à ocasião em que

---

7 1451a,36 e ss.: “Com efeito, não diferem o historiador e o poeta por escreverem verso ou prosa (pois que bem poderiam ser postas em verso as obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser história, se fossem em verso o que eram em prosa) – diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder. Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta o particular.” (tradução de Eudoro de Souza).

8 CF. GENTILLI & CERRI (1975).

foram pronunciados, embora ao mesmo tempo eu tenha aderido tão estritamente quanto possível ao sentido geral do que havia sido dito. Quanto aos fatos da guerra, considere-me meu dever relatá-los, não como apurados através de algum informante casual nem como me parecia provável, mas somente após investigar cada detalhe com o maior rigor possível, seja no caso de eventos dos quais participei, seja naqueles a respeito dos quais obtive informações de terceiros. O empenho em apurar os fatos se constituiu numa tarefa laboriosa, pois as testemunhas oculares de vários eventos nem sempre faziam os mesmos relatos a respeito das mesmas coisas, mas variavam de acordo com suas simpatias por um lado ou pelo outro, ou de acordo com sua memória."<sup>9</sup>

Tucídides explicita o sentido aristotélico de investigação, comentando inclusive os problemas dessa tarefa, e acrescenta os problemas propriamente da narração. Verdadeira discussão sobre a possibilidade de ligar os vestígios ao evento, este discurso metodológico sobre a aproximação da verdade reconduz o problema historiográfico a uma temática própria da retórica, e em particular da eloquência judicial, no sentido que o historiador, analogamente ao orador, deve reconstruir o acontecido a partir de testemunhos. Quando não os há, deve usar uma *doxa* do que seria pertinente ao caso, sabendo discernir quando basta a *doxa*, quando é preciso incrementá-la pela força do testemunho.

A verdade a que a historiografia antiga buscava se aproximar era "uma vulgata consagrada pelos espíritos aos longo dos séculos"<sup>10</sup> e, portanto, distingue-se mal o que efetivamente se passou daquilo que não poderia deixar de ter se passado e, assim, consegue a adesão do público; ou, em termos retóricos, a verdade é uma questão de persuasão.

A *ueritas* que Cícero, por exemplo, reclama do historiador não é outra coisa senão a *fides*<sup>11</sup>. A fé, ou seja, a credibilidade emprestada à narrativa, é para Cícero uma das condições essenciais de texto historiográfico. Assim sendo, é compreensível confundir o que o autor escreveu com o que deveria

---

9 TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*, 22. (tradução de Mário da Gama Kury).

10 VEYNE (1987), p. 19.

11 Cf. CIZEK (1988).

ter escrito para ser digno da autoridade que lhe é concedida. Nesse caso, a verdade é anônima, só o erro é pessoal e resultado de inépcia daquele que está investigando e narrando o passado.

O historiador moderno tem, a maioria das vezes, a Universidade como lugar de fala. Numa Universidade, as atividades que não podem ser avaliadas pelos pares não existem institucionalmente e, portanto, simplesmente não existem. Um historiador, agora, não escreve para simples leitores como os antigos<sup>12</sup> ou como os escritores de ficção de hoje, mas para os outros historiadores seus colegas<sup>13</sup>. Deve, portanto, explicar os fatos e dar ao leitor meios de verificar a informação e de formular, se necessário, outra explicação. Por trás destas aparentes questões de cientificidade metodológica da pesquisa histórica, percebe-se a questão da relação do historiador com seus leitores, que deve ser regulada por um decoro externo. Para um público leigo o verossímil da autoridade é suficiente; para os especialistas, embora não esteja totalmente fora de questão, a autoridade deve-se ratificar o tempo todo, explicitando o domínio técnico de uma certa metodologia. Um historiador antigo fará o seu verossímil argumentativo derivar de seu talento retórico, o qual lhe atribui credibilidade e autoridade. Um historiador moderno deve, nos seus argumentos, evidenciar o quanto possível de verossímeis metodológicos referentes ao que há de mais avançado e supostamente científico em termos de pesquisa histórica.

## UM FATO ANTIGO

Em 63 a.C., ano do consulado de Cícero, um nobre arruinado, Lúcio Eneu Catilina, depois de perder por duas vezes as eleições para o cargo de cônsul, planejou tomar o poder por meio de um golpe. Consegue congregar adeptos vindos de várias ordens (nobres, plebeus, camponeses, desocupados urbanos) e, enquanto prepara o ataque a Roma, mantém na Etrúria um exército comandado por seu companheiro Mânlio. Graças a um segredo de alcova Cícero é informado da conjuração, Catilina foge de Roma com alguns aliados, o Senado condena à pena capital os conjurados que aí permaneceram. Um exército comandado por Caio Antonio, colega de Cícero no consulado,

---

12 Os antigos compunham para o amplo público dos "refinados da cultura" em geral (cf. GUILLEMEN (1937), e deviam ser ouvidos mais do que lidos.

13 Cf. CERTEAU (1982).

é enviado à Etrúria onde liquida o exército de Catilina que morre bravamente no campo de batalha. Alguns anos mais tarde, em 58 a.C., Cícero será exilado por ter permitido, sendo cônsul, que cidadãos Romanos fossem executados sem julgamento.

Claro, esta é apenas uma narrativa possível para o fato. Construímos-la hoje graças aos vários vestígios que ele espalhou em muitos textos antigos, hoje nossos documentos. Sobretudo a monografia de Salústio, **A Conjuração de Catilina**, provavelmente escrita entre 43 e 40 a.C., e os discursos que Cícero proferiu no momento da conjuração, **As Catilinárias**; além disso, temos uma série de referências esparsas, relacionadas principalmente às biografias de Cícero. Plutarco, por exemplo, reconta a conjuração e nos informa que ela se tornou o grande assunto de Marco Túlio que não perdia oportunidade de lembrar que, em seu consulado, tinha salvado a república de um dos mais perigosos golpes que já a haviam ameaçado<sup>14</sup>. De fato, o próprio Cícero encarregou-se de deixar inúmeras referências à conjuração em suas obras<sup>15</sup>. Além disso, deixa notícias de que pretendia ver seu consulado cantado em verso e prosa. Afinal, de que servem os grandes feitos, se por eles um homem bom não conseguir atingir a glória? É isso que ele diz no discurso que faz, em 62 a.C., em defesa do poeta Árquias<sup>16</sup>, acusado de falsificar sua cidadania Romana, e de quem Cícero esperava um poema épico sobre seu consulado. Ao historiador Luceio, havia encomendado, em 56 a.C., uma monografia sobre o mesmo tema<sup>17</sup>.

Antes de Cícero, praticamente não havia em Roma este gênero histórico: a monografia. Cícero discute-a teoricamente sem exercê-la na prática. Basicamente diz que a história é "*testis temporum, lux ueritatis, uita*

---

14 "Aquele foi o tempo de seu [*de Cícero*] máximo poder na cidade. Ele próprio, porém, se fez malvisto, não por alguma perversidade, mas pelo vício de se gabar e enaltecer continuamente, tornando-se odioso a muita gente. Não se ia ao Senado, a um comício, e um tribunal, sem ter de ouvir a repetição dos nomes de Catilina e Léntulo. Por fim, até os livros e tratados ele recheou de seus gabos; sua oratória, aliás agradável e cheia de encanto, tornou-a enfadonha e cansativa para os ouvintes, porque esse feito desagradável se lhe tinha pegado para sempre como uma fatalidade." (PLUTARCO. *Cícero*, 24; tradução de Jaime Bruna). Plutarco chega a sugerir que por esse motivo Cícero perdeu a adesão dos Romanos e pôde facilmente ser proscrito por Marco Antonio e Otaviano em 43 a.C.. Assim, segundo Plutarco, Cícero teria morrido por falta de assunto.

15 Por exemplo, só no *De Officiis* ela é referida três vezes: I. 77, II. 84, III. 3.

16 *Pro Archia*, XI-XII.

17 *Ad Familiares*, v.12

*memoriae, magistra uitae, nuntia uetustatis*"<sup>18</sup>, e ignorá-la é permanecer sempre criança<sup>19</sup>. Tal tarefa monumental da história é para ele, acima de tudo, obra de oradores (*opus oratorium maxime*<sup>20</sup>). Deve seguir as regras do gênero demonstrativo<sup>21</sup>, usando o gênero médio<sup>22</sup> e, sobretudo, deve ser ornada<sup>23</sup> para captar a benevolência do público e seduzi-lo para a glória que se pretende. Objetivos que necessitam mais do que a simples enumeração dos acontecimentos, como acontece na história analística, basicamente o grande gênero histórico em Roma antes de Cícero. O historiador deve ser um *narrator*<sup>24</sup>, ou seja, um orador que manipula com destreza as regras da narrativa que, como diz a retórica, é a sede e o fundamento para se estabelecer a fé<sup>25</sup>.

## A CARTA DE CÍCERO A LUCEIO

Em 56 a.C., fingindo-se envergonhado, Cícero escreve ao historiador Luceio, cobrando-lhe uma promessa. Este último estava compondo uma obra histórica, cobrindo os acontecimentos desde a Guerra Itálica (91-88 a.C.) até o momento. Havia prometido que escreveria também sobre o consulado de Cícero. Como compõe no gênero analístico, ou seja, relata os fatos importantes em seqüência cronológica, Cícero temia duas coisas: que o acúmulo de fatos retardasse o ponto da obra em que ele se tornaria assunto; que a seqüência cronológica embaçasse o brilho com que ele gostaria de ver-se tratado. Pede, então, ao historiador que tome imediatamente o assunto de seu consulado, que o *ornamente e illustre* com suas técnicas e perícias, e que o faça na forma de uma monografia. Cícero diz que sua insistência se deve à expectativa de ter sua glória como homem bom, defensor da república, conhecida e preservada. Afinal, o benefício que os grandes feitos podem trazer é, antes de tudo, este, a glória, e é tarefa do historiador afirmá-la. Assim,

---

18 "Testemunho dos tempos, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida, mensageira da Antigüidade" CÍCERO. *De Oratore*, 2.9.36.

19 CÍCERO. *Orator*, 34.120.

20 *De Legibus*, I. 2.5; *De Oratore*, II. 62.

21 *De Oratore*, II. 12.54.

22 *Orator*, 13.41-42.

23 *Ad Familiares*, v. 12.7.

24 *De Oratore*, II. 12.54.

25 *Partitiones Oratoriae*, 9.31.

Cícero pede que Luceio produza, com sua narrativa, uma figura brilhante, da qual acha-se digno. E a glória será não só de Cícero pelos feitos, mas de Luceio pela obra.

Aqui está a tradução integral da carta:

1. Um certo pudor um tanto grosseiro me dissuadiu, a mim que muitas vezes tentei falar-te em pessoa estas coisas que agora, ausente, exporei mais audaciosamente; com efeito, a carta não cora. Ardo pelo incrível desejo que, como julgo, não deve ser censurado, de que nosso nome seja ilustrado e celebrado pelos teus escritos. Embora tu, muitas vezes, tenhas me afirmado que estavas para fazê-lo, todavia gostaria que perdoasses estas minhas pressas. Com efeito, o teu tipo de escritos, embora sempre fosse fortemente esperado por mim, venceu, todavia, a minha expectativa e de tal forma me apanhou e excitou que desejaria que minhas coisas fossem o mais rapidamente possível mandadas as tuas letras. Com efeito, não somente a recordação da posteridade me rapta para alguma esperança de imortalidade, mas também aquele desejo de que, ou pela autoridade do teu testemunho, ou pela benevolência da tua indicação, ou pela suavidade do teu engenho sigamos vivos.

2. E embora te escreva estas coisas, não ignoro, todavia, por quantos ônus de coisas empreendidas e já começadas tu estejas premido, mas, como vejo que tu já quase terminaste a história da guerra da Itália e da civil, e tu me disseras que começarias em seguida com as outras coisas, não quis deixar de te admoestar para que pensasses se não gostarias de entrelaçar os nossos feitos juntamente às outras coisas ou, como muitos gregos fizeram, Calístenes com a guerra Fócica, Timeu com a de Pirro, Políbio com a dos Numâncios, todos os quais separaram isto que eu chamo guerra dos seus escritos gerais, tu também, do mesmo modo, separarias a conjuração civil das nossas guerras externas. E, na verdade, não vejo interessar muito a meu louvor, mas interessa à minha pressa que tu não esperes até que chegues ao ponto, mas tome imediatamente toda aquela causa e momento; e, ao mesmo tempo, se toda a tua mente se voltar para um único argumento e uma única pessoa, já distingo com que ânimo estarão para surgir coisas mais férteis e mais ornadas.

Não ignoro o quão impudicamente ajo. Primeiro, impondo-te tal ônus (tuas ocupações podem-me negá-lo); depois, postulando que ornamentos as minhas próprias ocupações. O que fazer, se não te pa-



recer que elas devam ser ornadas com tanto trabalho? 3. Mas, todavia, quem tiver ultrapassado um única vez os limites da vergonha, é oportuno que ele seja bem e inteiramente desavergonhado. Assim, peço-te e peço-te que as ornamentos com mais veemência até talvez que sintas, e que nisto negligencies as leis da história e aquele favor sobre o qual escreveste suavemente num certo proêmio, demonstrando que não poderias ser desviado dele mais do que aquele Hércules de Xenofonte poderia ser do Prazer, não o abandones se ele me recomendar a ti muito fortemente e um pouco mais até do que a verdade conceder prodigalizar em favor da nossa amizade.

Pois, se te levamos a que te encarregues disto, será, como persuado a mim mesmo, matéria digna da tua capacidade e da tua abundância. 4. Do começo da conjuração até o meu retorno do exílio parece-me que um razoável volume pode ser elaborado, no qual poderias usar teus conhecimentos das mudanças civis, ou explicando as causas das coisas mais recentes, ou sugerindo remédios para suas calamidades, enquanto repreendes o que consideras censurável e justificas o que aprovas, anotando as tuas razões em cada caso. E se julgares que podes tratar este assunto com excepcional liberdade de discurso, como é teu costume, anotarás a perfídia, as traições e a conspiração de muitos contra nós. Além disso, o que me aconteceu te suprirá, ao escrever, com grande variedade de material, que, sendo tu o escritor, possa tomar o ânimo do público ao lê-lo. Pois, não há nada mais apto para agradar o leitor que as mudanças das circunstâncias e as vicissitudes da fortuna, as quais, embora não nos tenham sido desejáveis ao experimentá-las, ao serem lidas, todavia, são agradáveis. Com efeito, a tranqüila recordação das dores passadas tem o seu deleite; 5. aos outros, sem dúvida, que não passaram por nenhuma desgraça própria, aos que observam os casos alheios sem nenhuma dor, a eles sua própria misericórdia é agradável. Com efeito, a qual de nós não deleita com alguma comiseração aquele moribundo Epaminondas junto a Mantinéia? O qual então, já no fim, mandou ser-lhe arrancado o dardo só depois foi respondido à sua pergunta se seu escudo estava salvo, porque mesmo na dor da ferida morreria tranqüilamente com louvor. De quem não é retida na leitura a atenção suscitada pela fuga e pela volta de Temístocles? E, na verdade, a ordem cronológica dos eventos nos retém muito pouco, como se fosse uma enumeração de fastos; mas os incertos e variados casos de um homem excepcional têm admi-

ração, expectativa, alegria, pesar, esperança, temor; se são concluídos com um fim notável, aí, então, o espírito enche-se com a agradável volúpia da leitura.

6. Por isso me aconteceria mais agradavelmente, se tu estivesse nesta decisão para que, das vizinhanças dos teus escritos em que terás abarcado a perpétua história dos feitos executados, separe esta como que fábula das nossas coisas e dos nossos eventos. Com efeito, ela tem várias ações e mudanças de decisões e de circunstâncias. E nem temo que eu pareça caçar teu favor com alguma leve adulação quando demonstro isto: desejar sobretudo ser ornado e celebrado por ti. Com efeito, nem tu és tal que ignores o que sejas e que não julgues mais odiosos aqueles que não te admiram do que aqueles que, adutores, te louvam, e nem eu sou de tal forma demente que desejasse recomendar-me à glória eterna graças a alguém que, ao me recomendar, ele próprio não perseguisse a própria glória de seu engenho. 7. Com efeito, aquele Alexandre não desejava ser pintado por Apeles e esculpido por Lysipo por causa de um favor, mas porque julgava que a arte deles serviria tanto à glória dos próprios quanto à sua. E aqueles artífices do corpo faziam simulacros conhecidos para desconhecidos; se estes simulacros não existissem, em nada seriam mais obscuros esse homens famosos. Nem menos deve ser citado aquele Agesilau de Esparta que não admitia que existisse nem uma imagem sua pintada ou esculpida, nem aqueles que trabalhavam neste tipo de coisas; com efeito, um único livro de Xenofonte, ao louvar o rei, superou facilmente todas as imagens e estátuas de todos. E isto será melhor para mim, tanto para a alegria do meu espírito, quando para a dignidade da minha lembrança, se eu tiver permanecido nos teus escritos e não no de outros, pois terá sido fornecido a mim não somente o teu engenho, como a Timoleonte o de Timeu, ou o de Heródoto a Temístocles, mas também a autoridade de um homem muito famoso e muito reconhecido nas maiores e mais importantes causas da república e, antes de tudo, aprovado; para que a mim pareça concedido não apenas o elogio que Alexandre, quando se dirigia ao Sigeu, disse ter sido atribuído por Homero a Aquiles, mas também o grave testemunho de um homem grande e brilhante. Com efeito, agrade-me aquele Heitor de Névio que não somente se alegrava em ser louvado, mas até acrescenta "por um homem louvado".

8. Se não conseguir isto de ti, ou seja, se aquela coisa te impedir (e, com efeito, não julgo ser propício que eu, ao te pedir, não

obtenha de ti), serei levado talvez a fazer o que alguns com frequência repreendem: eu mesmo escreverei a meu respeito, todavia com o exemplo de muitos e famosos homens. Mas, o que não te escapa, neste tipo de escrita há estes vícios: é necessário não só que os próprios escrevam de si mesmos mais modestamente, se algo deve ser louvado, mas também que deixem de lado, se algo deve ser repreendido. Acontece também que a fé seja menor, menor a autoridade, por fim, que muitos repreendam e digam que são mais respeitáveis os anunciadores dos jogos dos ginásios, os quais, embora tenham entregado coroas aos outros vencedores e pronunciado seus nomes em alta voz, quando eles próprios, antes do término dos jogos, são presenteados com uma coroa, procuram um outro anunciador, para que não se declarem vencedores com sua própria voz. 9. Nós desejamos evitar estas coisas e, se aceitares nossa causa, evitaremos, e assim rogamos que faças.

Mas acaso não te admires por que, embora muitas vezes, me declarastes que tu estavas para enviar às letras muito acuradamente as decisões e os eventos dos nossos tempos, isto mesmo agora solicitamos a ti com tanto empenho e com tantas palavras; aquele desejo, de que falei no início, incita-nos à pressa, pois temos o espírito cheio de entusiasmo para que não só outros, enquanto vivemos, conheçam-nos a partir de teus escritos, mas também nós mesmos, ainda vivos, possamos fruir a nossa pequena porção de glória. 10. Se não te for molesto, gostaria que me escrevesse a respeito do que estás para fazer sobre estas coisas. Com efeito, se tomares a causa, enviarei comentários sobre todas as coisas e, se, pelo contrário, me guardares para um outro momento, conversarei contigo em pessoa. Enquanto isso, tu não descansarás e aquelas coisas que tens começadas polirás e a nós continuarás estimando.

Cícero, portanto, propõe alguns procedimentos técnicos para a escrita da história. No parágrafo 4, diz que, ao narrar, Luceio deve usar a *doxa* de seus conhecimentos das mudanças civis, deve explicar as coisas novas, indicar remédios para os males, vituperar e elogiar, mostrando, em cada caso, seus motivos. Ou seja, deve tornar seu discurso verossímil, urdido por relações de causa e efeito, deve propor a *fides* que cai bem ao *ethos* da sua autoridade. E mais, deve usar também o jogo com as paixões, deve moldar a perfídia e a traição de que foi vítima Cícero quando exilado, deve fazer com

que o público sinta admiração, expectativa, alegria, pesar, esperança, temor. Com o farto material de um e com o engenho retórico de outro, o ânimo do público será movido, e disto resultará a glória de ambos.

## *A CONJURAÇÃO DE CATILINA DE SALÚSTIO*

Talvez Salústio, partidário político de César, tenha sido uns dos primeiros a tentar concretizar em Latim este modelo de gênero histórico defendido por Cícero, deixando de lado a escrita analística. Curiosamente, ao narrar justamente a conjuração de Catilina, apresenta o cônsul Marco Túlio como personagem secundária.

Muito do que se diz hoje sobre este fato tem a obra de Salústio como documento. Assim, conhecedores da verdade que ela teria enunciado lá, hoje podemos interpretar o fato e reapresentar as personagens, talvez um Catilina libertário ou revolucionário, um Cícero conservador, um César liberal e defensor dos direitos do povo. É claro que antes de se chegar a tal extremo, já se terá percebido que o texto de Salústio, documento para a História contemporânea, é uma monografia histórica retoricamente organizada; e para tomá-la como vestígio é preciso entrar nas malhas de sua constituição e de suas construções.

Não é difícil ver Salústio acusado por algum manual de Literatura Latina de ser menos um historiador do que um literato<sup>26</sup>. Afinal, no corpo de sua obra não são citadas as fontes, observam-se erros de cronologia, aparecem discursos que, certamente, são obras de ficção<sup>27</sup>. Faltaria a Salústio uma das qualidades do grande historiador: ele não soube ver os acontecimentos do alto, nem prever o futuro<sup>28</sup>. O autor foi lido e admirado durante a chamada Idade Média, que interpretou arbitrariamente os prólogos de suas duas monografias como tratados de moral<sup>29</sup>. O chamado Renascimento fez de Salústio um escritor tendencioso, porque não perdoou o fato de o autor ter passado quase em silêncio pela figura de Cícero<sup>30</sup>. Os comentadores do séc. XIX e do começo do séc. XX a.C. viram em Salústio um homem que

---

26 Acusação desmerecida pela aplicação de *Literatura, historiador, literato ao caso Salústio*, usando tais termos com o seu sentido atual.

27 Tucídides já havia discutido como compô-los.

28 ROMAN (1924), p.VII.

29 PARATORE (1987), p.308.

30 BÜCHNER (1962), p. 79.

tomou parte ativa nas lutas de seu tempo, não hesitando em se encaixar nas colunas de César. Depois de 1930, a crítica passou a reconhecer nele um pensador que fez questão de se manter acima do conflito e da crise de seu tempo<sup>31</sup>

Ainda hoje, corre-se algum risco de se acreditar talvez não tanto na imparcialidade do autor, mas na informação referencial do texto. Seria evidente que Salústio não é um historiador nos nossos moldes, mas, abstraindo-se alguns detalhes, como o fato de ele colocar discursos na boca de suas personagens – o que, afinal, é apenas uma moda literária de seu tempo –, pode-se estudar e interpretar o que ele realmente informa e como ele realmente o faz. O que seria realmente muito bom se pudéssemos realmente acreditar em alguma essência referencial dos fatos ou do autor que existisse incólume aquém do texto.

No prólogo da **Conjuração de Catilina** (cap.1 a 4), o autor repete o lugar-comum ciceroniano da glória e de sua perpetuação dizendo que o que é propriamente humano no homem é o seu espírito, que o faz semelhante aos deuses. A superioridade dos últimos está em serem eles imortais. No entanto, ainda resta aos homens buscar a imortalidade através da obtenção e perpetuação da glória: “por isso me parece melhor que se busque a fama com os recursos do espírito que com os da força, e, visto ser breve a vida que fruímos, que deixemos de nós a memória mais longa possível” (I,3). Para um Romano nutrido pelo respeito ao *mos maiorum*, apenas a participação nos afazeres públicos merece o bom nome de *negotium*. Daí o autor ter de justificar, no prólogo da obra, a sua atividade de historiador. Este tem como incumbência preservar os grandes feitos e, assim, obter sua própria glória, o que não é tarefa fácil:

“mas para mim, na verdade, embora a glória não siga igual ao escritor dos fatos e ao autor deles, parece-me que é mais árduo, todavia, o escrever dos feitos notáveis; primeiro, porque devem os feitos ser igualados pelas palavras, depois, porque a maioria pensa que os delitos que repreendes são censurados por malevolência ou inveja; e, quando lembrares do grande valor e glória dos bons, aceita cada um tranqüilamente o que lhe parece fácil e considera o que o supera como coisas fingidas em favor de coisas falsas.” (3.2)

---

31 RICHARD (1970), p. 79.

Como Cícero já havia feito, Salústio afirma que o discurso histórico deve garantir a glória para quem o escreve e para aquele que é tomado como assunto. E, agora, a glória do escritor parece ser mais trabalhosa porque deve ter talento retórico suficiente para igualar a grandiosidade das palavras à dos feitos e, juntamente, conseguir a *fides*, ou seja, a *credibilidade*. Esta idéia é retomada um pouco a seguir:

“os feitos executados pelos Atenienses, segundo estimo, foram muito importantes e grandiosos, mas, todavia, um pouco menores do que diz a fama. No entanto, como ali surgiram grandes engenhos de escritores, por toda terra se celebram os feitos dos Atenienses como os maiores. Assim, destes que fizeram considera-se tanto a valor quanto puderam exaltar com palavras preclaros engenhos.” (8.2-3)

Estas são suas observações metodológicas: o historiador deve ornar os feitos com as palavras sem perder a credibilidade, garantindo assim sua glória e a de seu assunto. Se não se leva isto em conta, vê-se como declaração de imparcialidade objetiva a afirmação do final do prólogo: “assim, farei um relato sucinto da Conjuração de Catilina do modo mais verdadeiro que puder, pois considero tal feito memorável pela novidade do crime e do perigo<sup>32</sup>” (4.4). Imparcialidade suposta que não o teria impedido de valorizar a figura de César. Certamente, não através do elogio explícito e, portanto, banal, mas, como convém ciceronianamente a um grande escritor e a um grande homem, graças ao seu talento retórico.

Nos capítulos 51 e 52, Salústio mostra César e Catão pronunciando seus discursos no Senado e apresentando duas teses opostas em relação à pena dos conjurados: César pede o perdão e confisco dos bens e Catão exige a execução. O senado decide em favor de Catão e antes de narrar a execução da pena capital, Salústio faz uma digressão (cap.53 e 54) que se tornou um exemplo modelar do exercício retórico da *synkresis*, retrato paralelo de duas personagens:

53. Depois que Catão sentou, todos os consulares e do mesmo modo grande parte do Senado louvam a sua proposta, erguem ao céu

---

32 A novidade de se ter em Roma até cidadãos da nobreza patricia lutando contra o Estado e vice-versa.

o valor de seu espírito; censurando-se uns aos outros, chamam-se covardes. Catão é considerado grande e ilustre. Um decreto do Senado estabelece o que ele havia proposto.

Mas a mim, que li e ouvi muito sobre os feitos gloriosos que o povo Romano executou na pátria e no estrangeiro, no mar e na terra, aconteceu-me indagar que força principalmente sustentou tão grandes empreendimentos. Eu tinha notícia de que o povo Romano, repetidas vezes, dispoendo de um exército pequeno havia lutado com grandes legiões de inimigos; de que com poucos recursos guerrearam com reis poderosos, e além disso suportaram os golpes rudes da fortuna, de que os Gregos superaram os Romanos quanto à eloquência e os Gauleses quanto à glória guerreira. A mim, que havia pensado muito nisto, era certo que o notável valor de alguns poucos cidadãos havia executado todas estas coisas e, desta maneira, feito com que a pobreza superasse as riquezas e o número reduzido superasse a multidão. Mas, depois que a cidade foi corrompida pelo luxo e pela inércia, de novo, através de sua grandeza, a república passou a sustentar os vícios dos seus comandantes e dos seus magistrados e, como se a república estivesse exaurida quanto à força de gerar, por muitos anos não houve absolutamente ninguém em Roma notável pelo seu valor. Mas, no meu tempo existiram dois homens de extraordinário valor e de temperamentos diferentes, M.Catão e C.César: como o meu assunto os trouxe a propósito, não será minha intenção passar por eles em silêncio, sem que eu descreva o caráter e o comportamento de cada um deles, o quanto eu puder com o meu engenho.

54. Eles tinham praticamente do mesmo nível o nascimento, a idade, a eloquência, igual grandeza de alma e também igual glória, mas de maneiras diferentes para cada um deles. César era considerado grande pelos benefícios e pela generosidade, Catão, pela integridade de sua vida. Aquele tornou-se célebre pela sua cordialidade e pela sua compaixão, a este a austeridade havia conferido dignidade. César alcançou glória concedendo, socorrendo e perdoadando, Catão não prodigalizando nada. Num havia um refúgio para os infelizes, noutra, desgraça para os maus. Louvava-se a afabilidade daquele e a firmeza deste. Enfim, César havia dirigido seu espírito ao trabalho, à vigília, a dedicar-se aos problemas dos amigos, esquecendo os seus próprios, a não negar nada que fosse digno de ser dado; desejava para si um grande comando, um exército, uma guerra extraordinária onde seu

valor pudesse brilhar. Por outro lado, Catão tinha preocupação com a discricção, com o dever e acima de tudo com a austeridade. Não rivalizava com os ricos quanto à riqueza, nem com a faccioso quanto à intriga, mas com o bravo quanto à bravura, com o modesto quanto à reserva e com o inocente quanto à honestidade, preferia ser a parecer bom: assim, quanto menos buscava a glória tanto mais ela o seguia.

Essa digressão surge, antes de mais nada, criando um efeito de suspensão e expectativa quanto à execução. Além disso, aparece para comentar a decisão de Senado e, de maneira sutil, julgá-la.

Segundo a proposta dos dois discursos, a decisão de Senado deveria ser tomada com o objetivo primeiro de contribuir para o engrandecimento de Roma. O historiador passa a refletir sobre o destino da cidade, dizendo que a grandeza alcançada pela *Urbs* deve-se ao notável valor de alguns poucos cidadãos (*paucorum ciuium egregiam uirtutem*) que viveram numa verdadeira Idade de Ouro, identificada por Salústio como a Roma dos tempos primitivos. Na verdade, não há tempo e lugar históricos para a Idade de Ouro, possível apenas a partir da construção do autor. O sistema de valores que ela implica foi apresentado logo no início da obra (cap. 6 a 9), quando Salústio faz um breve resumo da história de Roma desde a sua fundação:

“logo que, com seu valor, os Romanos haviam afastado o perigo, levavam auxílio aos aliados e aos amigos; *mais dando que recebendo benefícios* (grifo nosso), travavam muitas amizades” (6.50);

“Mas havia entre eles *a maior disputa pela glória* (grifo nosso): cada um se apressava a ferir um inimigo, a escalar um muro, a ser descoberto enquanto praticava tal façanha; desejavam esta boa reputação, esta riqueza honesta” (7.6);

“ninguém exercia seu engenho sem o corpo” (8.5);

“Com estas duas qualidades, coragem na guerra, justiça quando a paz era estabelecida, cuidavam de si mesmos e do Estado” (9.3);

“na verdade, na paz, mais exerciam o governo pelos benefícios do que pelo medo, e preferiam perdoar os agravos recebidos a deles se vingar” (9.5).



Daqui se depreende que, na Idade de Ouro, os homens tinham como objetivo alcançar a glória a partir de uma moral da ação que não dispensava a justiça, a amizade, o auxílio aos fracos e o perdão aos criminosos.

Os destinos da *Urbs* sempre dependeram do valor de alguns poucos e, mesmo na Idade de Ferro em que vive, Salústio pode identificar dois homens extraordinários, capazes de solucionar a crise da República, César e Catão. Os dois alcançaram a glória, mas de maneiras diferentes. Irá, portanto, tentar descrever o caráter e o comportamento dos dois com seu talento retórico, ou seja, a descrição não se presta a um retrato falado mas sim a um ethos proposto. Há quem diga que César é louvado. Outros dizem que o fato de Salústio, partidário de César, louvar Catão e apresentá-lo como vencedor do debate é uma prova de imparcialidade<sup>33</sup>. Há, ainda, a possibilidade de os dois representarem valores complementares, fragmentos de um grande todo e juntos formarem a figura do governante ideal para Salústio<sup>34</sup>. Por fim, o retrato apresentado por Salústio talvez não sugira que tal aliança poderia salvar a República<sup>35</sup>. Antes revela nas suas antíteses a oposição entre as tradicionais virtudes Romanas da ação e as categorias intelectuais através das quais as primeiras são conhecidas, nomeadas e compreendidas<sup>36</sup>. Assim, o retrato paralelo de César e Catão seria um emblema da crise do final da República.

Tome-se a primeira antítese que os distingue: “*Caesar beneficiis ac munificentia magnus habebatur, integritate uitae Cato*” Formalmente ela opõe os *beneficia ac munificentia* de César à *uitae integritas* de Catão. Uma primeira tentativa seria ler na composição um jogo de ausências: César não tem integridade, Catão não tem serviços prestados. O que talvez fosse por demais cínico para um Salústio que se propôs falar de dois homens de grande valor. Não há, com efeito, antítese conceitual, pois estão sendo comparados dois valores de natureza diferente: *beneficia ac munificentia* são valores de ação, enquanto *integritas* é um intenção que faz com que os serviços prestados, quando prestados, sejam bons. Porém, a integridade só pode ser percebida a partir dos feitos. Na verdade, o autor está usando como provas, na sua argumentação, um verossímil montado anteriormente pelo próprio texto (cap.6 a 9): interessam ao bem da república principalmente os valores exercidos pelo corpo, que se manifestam a partir da ação (*in illo tempore “ingenium nemo sine corpore exercebat”*).

---

33 PICHON (s/d), p.251.

34 cf. SYME (1964).

35 BATSTONE (1988).

36 *Idem* , p. 2

Na segunda antítese (“*Ille mansuetudine et misericordia clarus factus, huic seueritas dignitatem addiderat*”), a glória de César é ter-se tornado *clarus*. O enunciado poderia supor o seguinte processo: César age com cordialidade e compaixão, as pessoas observam ou recebem esta ação, reconhecem nela uma qualidade e passam a atribuir fama a César. A glória de Catão é sua dignidade que lhe foi atribuída pela sua severidade. A glória de César vem de um reconhecimento externo a partir de sua ação. Catão aparece como instrumento de um princípio ético abstrato, de um mérito interno, difícil de ser reconhecido.

Termina o retrato uma longa comparação das duas maneiras de atingir a glória. César havia dirigido seu espírito a várias ações físicas: trabalho, vigília, prestação de serviços. Sua glória viria também de virtudes políticas que ele esperava ver reconhecidas na sua participação nas guerras, quando estas se fizessem necessárias. Por outro lado, o caminho da glória de Catão passa pela sua preocupação em manter-se no mais alto nível em relação aos valores éticos. Se efetua alguma disputa, ela se dá sempre no plano abstrato (“*certabat uirtute cum strenuo, pudore cum modesto, abstinentia cum innocente*”). Se sua busca pela glória não passa pelo caminho da ação, só pode esperar ser (*esse*) bom e não, ser reconhecido (*uideri*) como tal, pois isto suporia o julgamento externo que dependeria de algo concreto.

A construção retórica do texto utiliza o verossímil de Idade de Ouro anteriormente proposto como argumento que prova ser César o governante ideal para a República. A última frase, que, a princípio, poderia parecer positiva, acaba soando como uma crítica à decisão de Senado: “*quo minus petebat gloriam, eo magis illum assequabatur*” No seu tempo, Salústio via as grandes figuras públicas construírem-se sem esforço, a partir do discurso de um absolutismo ético abstrato que não se preocupava em concretizar-se em ações que pudessem salvar a república. Optando por Catão, o Senado escolhe a crise. Assim, o texto, antes de garantir objetivamente a verdade referencial da Conjuração, garante a glória de César e de Salústio.

## BIBLIOGRAFIA

- ARISTÓTELES. *Poética*, trad. e notas de Eudoro de Souza. São Paulo, Abril Cultural, 1984. (Col. Os Pensadores)
- ARISTÓTELES. *Retórica*, introd., trad. e notas de Quintin Racionero. Madrid, Gredos, 1990.

- BARTHES, Roland. “O Efeito de Real” in *O Rumor da Língua*. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- BATSTONE, William W.. The antithesis of virtue: Sallust’s *synkrisis* and the crisis of Late Republic. *Classical Antiquity*, 7(1): 1-29, 1998.
- BÜCHNER, M.K.. Comunicação Oral in “Séance du 17 Mai 1962”, *Revue des Études Latines*, XL: 78-82, 1962.
- CERTAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger. “O Passado Composto” in *A História Cultural – Entre Práticas e Representações*. Lisboa, Difel, 1990.
- CÍCERO. *Em defesa do poeta Árquias*, introd., trad. e notas de Maria Isabel R. Gonçalves. Lisboa, Inquérito, 1986.
- CICÉRON. *Correspondance – Tome II*, texte établi et traduit par L.-A Constans. Paris, Les Belles Lettres, 1941.
- CICÉRON. *De l’Orateur*, texte établi et traduit par Edmons Courbaud. Paris, Les Belles Lettres, 1967.
- CICÉRON. *Divisions de l’art oratoire/Topiques*, texte établi et traduit par Henri Bornecque. Paris, Les Belles Lettres, 1960.
- CICÉRON. *Les devoirs*, texte établi e traduit par Maurice Testard. Paris, Les Belles Lettres, 1974.
- CICÉRON. *L’Orateur*, texte établi et traduit par Albert Yon. Paris, Les Belles Lettres, 1964.
- CICÉRON. *Traité des lois*, texte établi et traduit par Georges de Plinval. Paris, Les Belles Lettres, 1968.
- CIZEK, E.. La poétique cicéronienne de l’histoire. *Budé* (1): 16-25, 1988.
- COSTA LIMA, Luiz. “A Narrativa na Escrita da História e da Ficção” in *A Aguar-rás do Tempo*. Rio de Janeiro, Rocco, 1989.
- FOUCAULT, Michel. *L’orde du discours*. Paris, Gallimard, 1971.
- GENETTE, Gérard. “Verossímil e Motivação” in *V.V.A.A.. Literatura e Semiologia*. Petrópolis, Vozes, 1972.
- GENTILI, Bruno & CERRI, Giovanni. “Le teorie del racconto storico nel pensiero storiografico dei Greci” in *Le teorie del discorso storico nel pensiero Greco e la storiografia Romana Arcaica*. Roma, Ateneo, 1975.
- GUILLEMIN, A.-M.. *Le Public et la Vie Littéraire a Rome*. Paris, Les Belles Lettres, 1937.
- GUINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário” in *Mitos, emblemas e sinais – Morfologia e História*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- LEEMAN, A.D.. L’historiographie dans le *De Oratore* de Cicerón. *Budé* (3): 280-98, 1985.
- LOUIS, Pierre. Le mot *HISTORIA* chez Aristote. *Revue de Philologie*, 29: 39-44, 1955.

- MARCHAL, Luc. L'histoire pour Cicerón. *Les Études Classiques*, LV(1): 41-64, 1987.
- MAZZOLANI, L.S.. "Prefazione" in *SALLUSTIO. La Guerra di Giugurta*. Milano Rizzoli, 1983.
- PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina*. Lisboa, Calouste Gulbenkian, 1987.
- PERROCHAT, P.. Les Digression de Salluste. *Revue des Études Latines*, XXXIII: 168-82, 1950.
- PICHON, René. *Histoire de la Littérature Latine*. Paris, Hachette, s/d.
- PLUTARCO. *Vidas, apresentação, seleção e tradução de Jaime Bruna*. São Paulo, Cultrix, s/d.
- RAMBAUD, M.. *Cicéron et l'Histoire Romaine*. Paris, Les Belles Lettres, 1953.
- RAMBAUD, M.. Les Prologues de Salluste et la Démonstration Morale dans son oeuvre. *Revue des Études Latines*, XXIV: 115-30, 1946.
- RICHARD, Jean-Claude. Salluste témoin et juge de son temps. *Revue des Études Latines*, XLVIII: 48-58, 1970.
- RICHARD, F.. "Introduction" in *SALLUSTE. Conjuration de Catilina, Guerre de Jugurtha, Fragments des Histoires*. Paris, Garnier, 1947.
- ROMAN, J.. "Préface" in *SALLUSTE. Conjuration de Catilina, Guerre de Jugurtha*. Paris, Les Belles Lettres, 1924.
- SALLUSTE. *Conjuration de Catilina, Guerre de Jugurtha, texte établi et traduit par J. Roman*. Paris, Les Belles Lettres, 1924.
- SÊNECA/SALÚSTIO. *Tratado sobre a Clemência/Conjuração de Catilina/Guerra de Jugurta*, trad. de Ingeborg Braren e Antonio da Silveira Mendonça. Petrópolis, Vozes, 1990.
- SYME, Ronald. *Sallust*. Berkeley, CUP, 1964.
- TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*, tradução de Mário da Gama Kury. Brasília, Universidade de Brasília, 1987.
- VEYNE, Paul. *Acreditaram os Gregos nos seus Mitos?* Lisboa, Edições 70, 1987.

**ABSTRACT:** Nowadays History is very interest in discussing the relations between the showing of truth facts and the construction of narratives. In Greek and Roman Antiquity History was a gender of discourse, its questions of *inuentio*, *dispositio* and *elocutio* were treated in the field of Rhetoric. This paper try to discuss how the Greek and Roman historians search rhetorically the approximation of truth. Cicero (*Ad Familiares*, V,12) is here suggesting how to manage that search. Sallust (*De Coniuratione Catilinae*, 53-54) is performing that suggestion.

**Key-words:** History, rhetoric, narrative, *fides*, Cicero, Sallust.